

JORNAL DA EDUCAÇÃO



www.jornaldaeducacao.inf.br

Ilustração - Fernando Bastos

A função primária dos jornais é comunicar à raça humana o que seus membros fazem, sentem e pensam.
(Código de Ética da Sociedade Americana de Jornais)

Sem palavras!!!!

Ensino de boa qualidade tiraria o Brasil da crise?

Há muitos problemas, acontecimentos, pensamentos, notícias e até mesmo “análises de especialistas” que precisam ser melhor analisados neste país da corrupção institucionalizada. Entre eles está o ensino (e a educação).

Desde criança ouço um ditado que diz que a agressão é a arma dos ignorantes. Quando os argumentos terminam, começa a agressão. Podemos acrescentar ainda, quando a ética e a administração eficaz terminam, começa a corrupção, o engano, a mentira, a falcatura, a omissão da verdade, a inversão de valores e o autoritarismo = DITADURA.

O argumento é a arma dos cultos. Cultura e conhecimento não são adquiridos somente na escola. Honestidade, ética e vergonha na cara se aprende em casa com a família e na sociedade, com as instituições organizadas. Mas a alfabetização e o conhecimento científico isento de ideologias são essencialmente aprendidos na escola. É preciso ter cultura para ler as entrelinhas de textos que no Brasil, inclusive as leis e livros didáticos são carregados de ideologias.

Por isso, a educação básica, a convivência familiar e social são a base da formação de todo cidadão. Mais do que parecer honesto, é preciso ser honesto. Não basta dizer que sabe a diferença entre o certo e o errado, e continuar fazendo o errado, mesmo quando todos já viram e ouviram você falando e fazendo o errado.

Não basta aprender a ligar letras formando palavras, nem a colocar uma palavra seguida da outra, é preciso ler o significado da junção de palavras e dos pensamentos que estão intrínsecos nesta composição. Afinal, a palavra é 50% de quem fala e 50% de quem escuta. Depois de sair de sua boca, a palavra não é mais sua.

Há um outro ditado que diz: para bom entendedor, meia palavra basta. Mas como saber escolher essa meia palavra para que ela seja o bastante e leve ao entendimento? De bem intencionados o inferno (e a cadeia) está cheio. As boas intenções não se concretizam. As ações é que contam.

Finalizada a fase inicial de formação, a educação básica, a leitura, a busca individual pelo conhecimento, a vida em sociedade são o maior dos professores. Mesmo enquanto na escola, aprende-se a conhecer e analisar o mundo, os fatos e a política com o professor, sem o professor e apesar do professor.

Afinal, ninguém lê o mundo a partir do olhar de outro. Nossa leitura de mundo é a partir do próprio ponto de vista e não poderia ser diferente. Até mesmo os professores construíram sua visão de mundo a partir de sua experiência de vida.

Por esta razão, só tem argumentos quem tem conhecimento, quem aprendeu a analisar os fatos independentemente de teses conspiratórias e sem recorrer a filósofos que criaram discursos e teses sobre a sociedade europeia de séculos atrás.

Analisaram uma sociedade do período em que a informação chegava lentamente e sempre com o filtro dos DONOS do poder da época. Ler, escrever era a arma de pouquíssimos, mesmo na Europa. Então escrevia-se para seus pares e a leitura e escrita eram as armas de guerra.

A deturpação da realidade e o discurso de perseguição eram armas poderosas

daqueles detentores do poder. Ditadores, em sua quase totalidade, detinham e manipulavam as informações e construíam os fatos.

Posando de perseguidos e injustiçados criavam a falsa iminência de um ataque de rebeldes. Os donos de feudos faziam isso como ninguém. Acuados, os “protegidos do rei” faziam a aceitavam tudo: os opositores eram julgados, condenados e mortos diante da população. Esta é a principal maneira de intimidar quem tivesse a ousadia de questionar a informação contraditória ou a ordem injusta.

Mas hoje, com a internet, as redes sociais, os satélites de comunicação e a imprensa utilizando a tecnologia para levar a informação à população em tempo real, a informação deixa de ser privilégio privado dos poderosos e passa a ser a principal arma da sociedade para se proteger dos (des) governantes.

Os mesmos (des) governantes que, via de regra, acostumados a se safarem de qualquer ataque por meio de articulações com seus pares e aliados políticos, julgam-se e se colocam acima de toda e qualquer lei. E vão mais longe, assim como os donos de feudos e reinos, criam as próprias leis, interpretando a palavra escrita como melhor lhe convier.



Desde o final da década de 90, quando o Brasil conseguiu universalizar o ensino fundamental, a educação básica tem sido capaz de dotar de conhecimento do que é certo e errado a uma parcela cada vez maior da população.

A liberdade de imprensa, os telefones celulares e suas aplicações, as redes sociais e a conexão em tempo real das pessoas com os meios de comunicação de massa dotaram a população, mesmo a com baixa escolaridade, de poder para divulgar, fiscalizar e analisar fatos por conta própria.

Assim, quando se dirige à população ou quer manter a dominação sobre ela, os “poderosos” precisam melhorar seus argumentos e perderam, em larga escala, a capacidade de construir os fatos a seu bel prazer, com discurso persecutório. Hoje, diante de uma câmara, qualquer pessoa minimamente informada pode produzir um fato, ou uma celebridade em minutos.

O discurso persecutório usado pelos detentores do poder desde o período dos feudos e na atualidade, tanto pelos petistas, quanto pelos terroristas do estado islâmico, já não convence a população minimamente informada.

Enquanto tentam “plantar na cabeça das pessoas” aquilo que o beneficiária para manter-se no poder, os que se julgam “donos do Brasil”, afundam-se cada vez mais no fato que criaram. As coisas não mudaram muito. No passado, a ordem hierárquica era imposta na população pela força da chibata, ou pela força oculta da religião e do discurso do protecionismo necessário.

Atualmente o acesso à informação foi democratizado. Ou seja, um número muito grande de pessoas têm acesso à informação e podem desconstruir tais castelos e discursos pseudo democráticos.

No Brasil, desde a vinda da família real portuguesa, vivemos uma dicotomia entre educação (ou ensino) de qualidade ou para toda a população. Como se toda a população não fosse merecedora de ensino de boa qualidade. Vivemos também a dicotomia entre o público e privado.

A confusão entre governo e país está tão institucionalizada que a população chega a confundir governo com pátria. Ao invés de ter vergonha de ter tal e qual governante, tem-se vergonha de ser brasileiro.

O Brasil de 2016 vive uma dicotomia entre o público e o privado. O dinheiro público é usado pelos governantes corruptos como se fosse pessoal. E o dinheiro privado financia a campanha eleitoral, para o setor público.

A Inglaterra tem um dos dez melhores sistemas educacionais do mundo. Lá os prédios privados abrigam escolas públicas subsidiadas com o dinheiro público. Os professores e a comunidade administram a verba, seguem o currículo básico e são sistematicamente auditados e avaliados pelo governo local. E funciona muito bem. O ensino é de qualidade e para todos, sem ideologização dos conhecimentos.

O Brasil gasta pouco e, pior, gasta mal em educação, já que alta porcentagem da verba destinada à educação é consumida só na burocracia. Fato indicador de que o problema mais sério talvez seja o de gestão das verbas. E já é sabido, a burocracia é um a bola de neve, que quanto maior, mais facilidade e o crescimento da corrupção.

Assim segue, entram ministros, saem ministros da educação e tudo continua mais ou menos da mesma forma. Muda-se o nome, muda-se os planos, ideias e estratégias de vários dos mais ilustres pensadores, mas o ensino no Brasil continua o mesmo.

Todos estamos em busca de soluções estruturais para esse problema crônico. No seu conjunto, a situação continua crítica da creche ao doutorado a ideologização do ensino e até da aplicação das verbas transparece nas ações do dia a dia.

Não sabemos a quem atribuir a responsabilidade por este estado de coisas. Mas seguramente os professores também tem sua parcela nesta situação. Ou por ter se deixado levar pela corrente política dominante e deixado de ensinar conteúdos necessários ao desenvolvimento do aluno, ou por ter se omitido de pensar e mudar a situação em sua sala de aula.

Não se pode jogar sobre o professor esta responsabilidade, talvez não seja justo, moral e nem ético criticar os docentes, mesmo os incompetentes.

Mas talvez seja, porque afinal, o professor é um elo muito importante, mas é apenas um, na corrente que representa o processo educacional brasileiro. O melhor professor do mundo nada conseguirá se as

EXPEDIENTE



Ano XXIX - Nº 293 Joinville(SC),
Março de 2016

Rua Marinho Lobo, 512 Sala 40
89201-020 Joinville - SC
Fone: (47) 3433 6120 e 84150630

Endereço Eletrônico:
www.jornaldaeducacao.inf.br
jornalismo@jornaldaeducacao.inf.br

Jornalista Responsável:
Maria Goreti Gomes DRT/SC
ISSN 2237-2164
Reg. Especial de Título nº 0177593
Impressão: AN
Tiragem desta edição: 3000
Distribuição dirigida a assinantes, anunciantes e estabelecimentos de ensino dos municípios das regiões educacionais de Joinville e Jaraguá do Sul.

Os artigos e colunas assinados são de responsabilidade de seus autores

condições do conjunto não são adequadas e favoráveis. Acredito que o inverso também é verdadeiro.

Apesar de tudo, e de todos, acreditar que o ensino de qualidade pode melhorar os brasileiros e, claro, a sociedade brasileira é essencial para continuarmos lutando. O que não podemos é tratar a escola pública como se fosse a escola para manter um grupo no poder e o outro fora de tudo.

É urgente ensinar os brasileiros da mais tenra idade ao idoso que o país é nosso e que todos temos direito a vacinas, atendimento de saúde, comida, saneamento básico, segurança de vida e de direitos políticos, liberdade de pensamento, de vestimenta, de religião, de passear, de ler e de entender o que estamos lendo e fazendo.

E seguramente somente a escola poderá fazer isso. Alfabetizar-se é essencial. O alfabetizado sabe ler, escrever, usar a tecnologia em defesa de seus direitos e até mesmo da própria integridade física, moral e política. É preciso saber mais do que ouvir um professor e responder a questões prontas ou previamente passadas.

Os professores tem a responsabilidade de ensinar os brasileiros a ler o caráter da pessoas que se pretendem públicas e a calcular os efeitos de colocar este ou aquele político no comando de nossa nação. As escolas precisam cumprir seu papel de ensinar a distinguir o certo do errado nas páginas das redes sociais, nos meios de comunicação e no discurso de seus governantes.

Afinal, ninguém colhe o que não plantar. Quem semeia arroz, colhe alimento. Mas quem deixa a terra abandonada, colhe erva daninha. Precisamos plantar cidadania senão continuaremos a colher conformismo e corrupção. Jamais formaremos estadistas se não plantarmos um Estado Brasileiro. Somente assim conseguiremos acabar com a crise crônica de ética, patriotismo, honestidade e democracia em que o país está mergulhado.

A indignação de um cidadão comum

Ao acordar nesta data, 17 de março de 2016, após inúmeras reportagens do dia anterior, ao ser anunciado pelo Planalto que o Sr. Luiz Inácio Lula da Silva seria nomeado Ministro da Casa Civil e, após este anúncio ser publicitado, iniciaram as manifestações contrárias a esta notícia, manifestações estas promovidas por pessoas que espontaneamente compareceram a tais manifestos.

Ao longo do dia, encontrei pessoas que podemos considerar desde o mais simples trabalhador até de um cidadão Judeu Ortodoxo, que explanou “meu Deus, o que vai acontecer agora”, isto realmente me espantou, inúmeras manifestações diversas e maneiras, porém com o mesmo condão, INDIGNAÇÃO. Com as divulgações dos grampos telefônicos pela imprensa, ao final do dia, mostrando realmente haver um “projeto criminoso do poder” “palavras do ministro Celso de Melo no julgamento do processo do mensalão”. Tais manifestações espontâneas da população em defesa da nação Brasileira, acabei decidindo escrever este artigo, já que há alguns meses atrás escrevi “O DESABAFO DE UM CIDADÃO”.

Para que nossos leitores entendam melhor, iniciou-se uma investigação em 2009 por parte da polícia federal, onde haviam indícios de lavagem de dinheiro por parte do deputado José Janene, na cidade de Londrina, Estado do Paraná.

Em meados de 2013, a investigação inicia o monitoramento de conversas de doleiros envolvidos no esquema de lavagem de dinheiro e evasão de divisas que então ficou conhecida como “LAVA JATO”, e que permaneceu assim com este rótulo até o presente. Outras operações da Polícia Federal foram deflagradas entre elas “Dolce Vita” com a prisão da doleira Nelma Kodama, “Bidone” que culminou com a prisão do doleiro Alberto Youssef e “Casa Blanca” onde foi preso o doleiro Raul Srouf, sendo incluídas na operação Lava Jato.

Estas operações vieram a trazer informações que o Doleiro Youssef havia apresentado o ex-diretor da Petrobras Paulo Roberto Costa com um Land Rover, iniciando-se assim a intensificação da operação Lava Jato, nome que predominou sobre as outr

Hoje dia 17/03/2016 completaram dois anos da primeira operação ostensiva sobre as organizações criminosas dos doleiros e Paulo Roberto Costa, operação esta que espantou a população visto que foram cumpridos 81 mandados de busca e apreensão, 18 mandados de prisão preventiva, 10 mandados de prisão temporária e 19 mandados de condução coercitiva, atingindo 17 cidades em 6 Estados e no Distrito Federal, trazendo informações de corrupção na NOSSA PETROBRÁS.

Uma megaoperação, assim considerado à época dos fatos, porém, com o tempo outras maiores ainda, foram deflagradas. Veio a público que a cada operação a anterior se tornava menor. Totalmente assustador e criando indignação a população.

Ao longo destes dois anos de processo criminal e investigações, um grupo de delegados federais, agentes federais, procuradores federais e o Juiz Dr. Sergio Fernando Moro, e outros envolvidos, realizaram 24 fases de operações, as quais trouxeram a população indignações. Trouxe luz às pessoas e assim puderem ter conhecimento de quanto dinheiro era objeto de corrupção em nosso país.

A cada fase de operação da Lava Jato,

...A cada fase das operações da Lava Jato, surgia a enorme indignação da população, pessoas pobres que nem mesmo podiam ter um atendimento médico por falta de verbas nos hospitais públicos viam que em detrimento a sua saúde outros poderosos “enchiam os bolsos”.
INDIGNAÇÃO seria a palavra? ou REVOLTA?
VERGONHA? DECEPÇÃO?

surgiam mais e mais provas, envolvia pessoas poderosas, tanto politicamente como financeiramente.

O povo assistiu pessoas que imaginavam que nunca poderiam ser presas e sendo efetivamente presas, ainda permanecendo presas por bom tempo. Poderosos da política, lobistas, empresários e vindo culminar com a prisão de um Senador da Republica em pleno exercício, juntamente com outros integrantes do convívio dos poderosos mandatários do poder.

Condenações de 10, 15, 20 anos de prisão. Sentenciados rapidamente, sem procrastinação de anos para que se sentencie um criminoso.

A cada fase das operações da Lava Jato, surgia a enorme indignação da população, pessoas pobres que nem mesmo podiam ter um atendimento médico por falta de verbas nos hospitais públicos viam que em detrimento a sua saúde outros poderosos “enchiam os bolsos”.

Muitos escândalos vieram à tona antes e durante a operação Lava Jato. Quem se esqueceu do homem com dinheiro na cueca? Quem se esqueceu da Rosemeire que andava com malas contendo milhares de Euros em Portugal? Quem se esqueceu de Marcos Valério e Katia Rabello que estão cumprindo pena do então processo do Mensalão?

Tantos escândalos surgiram que a nossa população vem se indignando cada dia mais e mais.

Neste último dia 13/03/2016 houve a

maior manifestação pública de repúdio ao Governo e aos envolvidos na operação Lava Jato. Órgãos oficiais declararam ter havido em torno de 3 milhões de pessoas nas ruas em todo o Brasil, porém, mais uma vez subestimam a população, pensam ainda que o povo “são os peões de fábrica” com se dirigiu o Sr. Lula em um grampo telefônico divulgado aos seus correligionários. O povo possui no mínimo bom senso, portanto sem ir ao céu ou ao inferno, vamos trabalhar com uma média, apesar de não ser o mais lógico dos cálculos, porém serve para nosso texto, estimamos que houve uma manifestação de 4 milhões de pessoas.

Quando na história brasileira isto ocor-

reu e de forma pacífica? Nunca.

Assim, a minha indignação soma-se a mais quantos milhões de pessoas? 4 milhões? 6 Milhões? 190 Milhões?

O grande cume de tudo isto (até agora), deu-se com o depoimento do Sr. Lula a polícia federal no último dia 04/03/2016, ficando nítido que o mesmo está sendo investigado há muito tempo, pois quem leu a íntegra do depoimento do mesmo ao delegado da polícia federal percebeu que o mesmo nada respondeu, em especial, quando perguntado a origem do dinheiro doado ao Instituto Lula bem como a quantidade de palestras que promoveu.

A partir de então, este senhor que se escuda no cargo de ex-presidente de república, percebeu claramente que era alvo e que a Polícia Federal, a Procuradoria Federal e a Justiça Federal possuíam muitas provas ou indícios de sua participação no poderoso projeto de corrupção.

Temendo ser preso pela Polícia Federal, pois ex-presidente não possui foro privilegiado, fez articulações políticas e buscando o manto de seus protetores, porque não dizer, colaboradores, e é nomeado Ministro da Republica.

A indignação da população foi tão grande, o sentimento de perda da cidadania foi tão grande, o sentimento de ter sido esbofetado foi tão grande, que pairava no ar o desespero das pessoas.

Com a quebra de sigilo de interceptações telefônicas pelo Juiz da 13ª Vara Criminal Federal de Curitiba veio a público, telefonemas do Sr. Lula tramando articulações que podem ser consideradas criminosas, envolvendo ministros da Suprema Corte, senadores, deputados, Ministro da Justiça recém nomeado e que tomaria posse juntamente com ele, entre outros mais. Rotulando tais pessoas de acovardados entre outros predicados de baixo calão, aliás, um vernáculo próprio deste cidadão.

Sabedor que possuía um enorme risco de ser decretada a sua prisão, em uma

articulação desesperada é nomeado ministro pela Presidência da República, a qual determinou e publicação em edição extra do diário oficial para que a nomeação do Sr. Lula fosse publicada com a data de 16/03/2016, carreando assim eventual investigação ou processo judicial para o STF, por ter então foro privilegiado como ministro da república. Em tese, total trama política.

Em uma ligação telefônica, que muitos estão repudiando a publicidade, diversas são as fundamentações, porém, é clara no dizer que caso necessite, use o termo de posse.

Vem a público desmentir aquilo que está claro a todos. Mais uma vez subestimando a capacidade intelectual do povo brasileiro.

Tem hora que todos se perguntam, e sem dúvidas perguntam, porque quer ser nomeado ministro e quer ser investigado pelo STF?

Muitos entenderam pronunciamentos de Ministros do STF na data de ontem, quando perguntados sobre os grampos telefônicos e sobre o termo de posse, que estão sem sombra de dúvidas colocando em dúvidas o ato do Juiz Sergio Moro de suspender o sigilo da investigação. Porque será? Esta pergunta fica no ar, afinal, não somos conhecedores profundo do direito penal e constitucional como são tais ministros do STF. Somos apenas cidadãos brasileiros indignados com tanta sujeira e corrupção.

Vejam bem, quem está dizendo não sou eu, mas sim o noticiário do dia a dia, notícias que saem a cada minuto, declarações públicas, apenas estou aqui comentando e demonstrando a INDIGNAÇÃO a todos estes fatos.

O povo está nas ruas, a Câmara dos Deputados instalando o procedimento de impedimento da Presidente da República, o Senado fugindo de decidir com o “diabo fuge da cruz”, ou seja, o mais ignorante, culturalmente falando, do povo, está vendo que estão manipulando as decisões ou querendo evitar confrontos. Isto parece um jogo de chantagens, aquelas que assistimos nos filmes de Hollywood.

Como pode viver um povo que não confia na Suprema Corte do país, não confia em seus políticos, não confia em mais ninguém e a única pessoa digna de confiança estão querendo derrubar de qualquer forma, que é o Juiz Dr. Sergio Fernando Moro.

INDIGNAÇÃO seria a palavra? ou REVOLTA? VERGONHA? DECEPÇÃO?

Bom, seja lá o que for, o sentido é sempre o mesmo, descrença em nossos governantes e em nosso sistema judiciário.

Esta artimanha de levar a investigação do Sr. Lula a Suprema Corte deixou todos com enorme desconfiança do porquê. A famosa “pulga atrás da orelha”. Precisamos de explicações. Precisamos salvar nosso país. Precisamos ser um povo livre e digno.

*Paulo Eduardo Akiyama é formado em economia e em direito 1984. É palestrante, autor de artigos, sócio do escritório Akiyama Advogados Associados, atua com ênfase no direito empresarial e direito de família. Para mais informações acesse <http://www.akiyamaadvogadoesmaso-paulo.com.br/>

Cartas

Jornal da Educação

Opinião do leitor
Rua Marinho Lobo, 512 Sala 40
Fone: (47) 3433 6120 e 84150630
89201-020 - JOINVILLE - SC

E-mail: opinioao@jornaldaeducacao.inf.br



Programa de Combate ao Bullying

Autora: Sueli Ribeiro*

No dia 07 de fevereiro entrou em vigor a Lei nº 13.185/2015, que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática, mais conhecido como a Lei de Combate ao Bullying.

A palavra Bullying é de origem inglesa e serve para designar atos de violência física ou psicológica que são praticados por uma pessoa ou grupo de pessoas contra alguém que está em posição de inferioridade. Traduzido, bully significa “valentão”, termo que já era usado nas escolas para designar aqueles que constrangiam e humilhavam os demais alunos.

A Lei nº 13.185/2015 tem caráter preventivo, e dentre seus principais objetivos busca a

criar meios de constrangimento psicossocial.

As condutas são classificadas conforme as ações praticadas, podendo ser verbal (insultos, xingamento e apelidos pejorativos), moral (difamação, calúnia e disseminar rumores), sexual (assédio, induzir e/ou abusar), social (ignorar, isolar e excluir), psicológica (perseguir, ameaçar, intimidar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar), físico (agredir), material (furar, roubar, destruir pertences de outrem) e virtual (depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social).

Os estabelecimentos de ensino, clubes e agremiações recreativas tem o dever, e ficam obrigados a assegurar medidas educativas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência física e psicológica, muito presente neste ambientes.

O programa ainda objetiva capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema, além de implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação, buscando a orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores.

Não há punição prevista para aqueles que praticam o bullying, pois a legislação privilegia a responsabilização e mudança do comportamento hostil. Contudo, as instituições que se recusarem a realizar ações preventivas podem ser responsabilizadas por omissão e negligência.

Portanto, esse programa deve ser levado a sério por toda a comunidade, a fim de zelar pelas crianças e jovens no ambiente escolar!

***Sueli Ribeiro - Acadêmica de Direito, cursando o último ano do Curso de Direito da Faculdade Cenecista de Joinville - FCI**

Yolanda Robert – professora, advogada, consultora e especialista em direito e processo civil e em direito e processo do trabalho. Email: yolanda@robertadvocacia.com.br

Diretoras de escola inglesa retribuem visita a joinvilenses

Alunos das escolas brasileiras e inglesa trocam correspondências e presentes dentro do projeto Box of Culture

Joinville - Na semana do aniversário da cidade, as professoras Emma Wigmore, Head Teacher - diretora, e Gemma Smith, Deputy - vice ou diretora em treinamento, da Saint Margaret's Church of England Primary School, de Basildon, Inglaterra retribuíram a visita das colegas brasileiras.

A professora de língua inglesa Soraya Rachel Pereira e as diretoras do Centro Educacional Micherrot visitaram a escola inglesa em setembro do ano passado, com subvenção das verbas do projeto “Box of Culture” (Caixa de Cultura), promovido pelo British Council (Conselho Britânico).

Durante os quatro dias de visitas, as britânicas visitaram as escolas municipais “Hilda Anna

Krisch”, parceira do projeto “Box of Culture” (Caixa de Cultura) e ‘Adolfo Bartsch”, local de trabalho da professora Soraya este ano, o CEI Cachinhos de Ouro e o Centro Educacional Micherrot, escola particular bilingue contemplada com o projeto, que foi estendido para as escolas municipais pela professora Soraya que atua na rede municipal.

Além das visitas às escolas, as profissionais inglesas assistiram ao desfile de aniversário da cidade, foram recebidas pelo prefeito Udo Dohler, fizeram passeios turísticos e um workshop com professores de língua inglesa. Soraya explicou que as parceiras de projeto devem retornar em 2017, na nova fase do “Box of Culture” que continua a ser realizado.

Programa financia as visitas

O projeto Box of Culture”, realizado dentro do programa Connecting Classroom (Conectando Salas de Aula), do British Council, consiste na troca de correspondências e presentes entre escolas dos dois países participantes.

O objetivo é que os alunos participem de atividades culturais comunicando-se entre si por meio de cartas, desenhos e trocando presentes significativos. As escolas recebem uma ajuda financeira no valor de \$1.500 libras para que os professores e diretores visitem a escola parceira, conhecendo a

estrutura e promovendo a troca de experiências, conhecimento e cultura.

Em 2015, 42 escolas brasileiras foram contempladas. Em setembro de 2015, a professora Soraya, as diretoras do Centro Educacional Micherrot, Karine Fabiana Teixeira Patrui e Gisele Alessandra Teixeira Roza, foram conhecer a St Margaret's. Agora, as colegas inglesas retribuíram a visita. As escolas pretendem continuar a parceria, pois há outros professores da escola inglesa interessados em visitar Joinville, no próximo ano.

Estrutura privada, escola pública

Durante a visita, Emma Wigmore e Gemma Smith apresentaram a Saint Margaret's Church of England Primary School, localizada em Basildon, no condado de Essex, na Inglaterra, cidade localizada a 40 minutos de Londres.

A escola localizada numa pequena comunidade, tem autonomia pedagógica e administrativa. Construída e localizada num terreno da igreja católica, a estrutura é subsidiada com dinheiro público, como acontece com a quase totalidade das escolas de ensino básico da Inglaterra.

Gerenciada pela diretora, atende a 200 crianças de quatro a onze anos de idade, agrupadas em sete turmas e é inspecionada constantemente pelo governo local e pelo Ofsted.

Além de dar transparência a todos os atos da administração, os alunos e profissionais fazem testes e exames constantemente para avaliar o desempenho e a aprendizagem.

A tradição cristã da comunidade fundadora é mantida. Embora pública, a escola não é laica e mantém vínculo direto com os valores cristãos, expressos e ensinados no dia a dia da escola.

Ao matricular os filhos, mesmo de outras religiões, os pais sabem que a criança deverá seguir os ensinamentos do cristianismo, embora sua opção religiosa seja respeitada.

Entre os diversos espaços especiais, há um para a criança fazer sua oração e deixar sua prece e pedidos de oração. Os estudantes têm liberdade para ir ao espaço em qualquer momento.

“Somos uma escola pública e atendemos as crianças de diversas religiões, sem problema algum”, explicaram as diretoras surpresas com a pergunta já que o modelo britânico é bastante diferente do brasileiro.

As escolas inglesas subsidiadas pelo governo local que têm seu próprio prédio, como é o caso da Saint Margaret's, decidem como gastar seus recursos financeiros em salários de professores, manutenção do edifício, recurso de aprendizado, suporte e desenvolvimento profissional.

Mas também têm que cumprir requisitos legais. Devem ensinar o Currículo Nacional e podem escolher os livros didáticos.



Inspecionada pelo governo

As instituições públicas inglesas possuem autonomia para nomear professores, gerenciar o orçamento, remunerar a equipe, administrar edifícios e terrenos, além de organizar a grade curricular e o sistema de provas.

Em contrapartida, são avaliadas periodicamente com rigor, seguindo os parâmetros do Office for Standards in Education, o Ofsted, escritório que estabelece os padrões do que devem ser boas, as escolas no país. Os resultados podem provocar inclusive o fechamento da escola, ou a troca de toda a equipe diretiva e professores.

O desempenho da equipe diretiva e os resultados pedagógicos são inspecionados constantemente por meio de programas es-

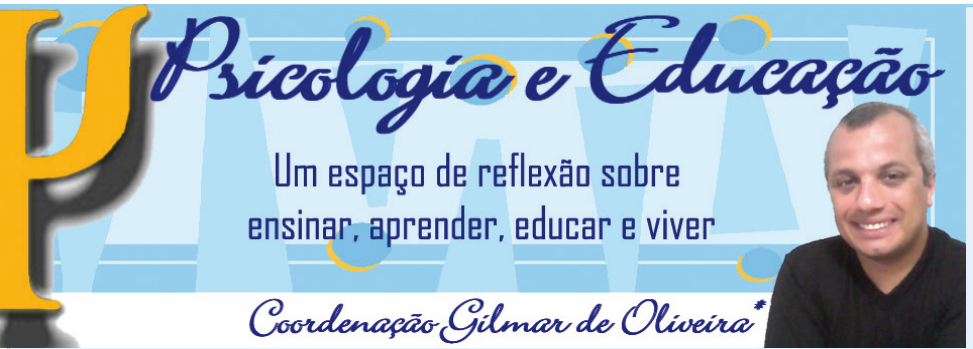
pecíficos e pelo Ofsted. Todos os estudantes fazem os testes e o resultado é amplamente divulgado.

Entre os objetivos do Ofsted está o de promover a concorrência entre as escolas. Ao receberem boa avaliação, as escolas podem ajudar as demais a melhorar e assim, terão mais verbas e alunos. Esta abordagem empresarial da escola é considerada bastante positiva pelos britânicos.

A parceira inglesa festejou amplamente, em novembro de 2015, a conquista do nível Outstanding Church school, no Ofsted. O que significa que a escola e os profissionais poderão se associar a outras escolas que ainda não alcançaram nível de excelência, e ajudá-las a melhorar seu desempenho.



No Centro Educacional Micherrot falaram da escola parceira também aos estudantes



AONDE ESTÁ O ENSINO DA ÉTICA NAS ESCOLAS?

Vivemos um momento crucial para nosso país. Os jornais noticiam, a cada dia, escândalos de corrupção que partiriam em pedaços qualquer governo de uma nação “séria”. Aliás, o povo derrubaria todo e qualquer governo com uma fração do que se vê diariamente na televisão.

A classe estudantil, outrora tão politizada e tão importante na construção da democracia e de um sentimento de nação, sequer se mobiliza para opinar sobre a situação atual ou ao menos para dizer que existe. Claro que, isto se deve às ligações históricas dos movimentos estudantis com os partidos de esquerda, hoje no poder, fazendo o contrário do que pregavam e eles mesmos protagonistas diários de esquemas de corrupção. Mas, nossos jovens não são mais aqueles de outrora, antenados no mundo.

Outra questão importante para entendermos a inércia de nossa classe estudantil é a ausência do Ensino da Ética nas escolas. Ainda que timidamente, muitas escolas particulares passaram a substituir as aulas de Ensino Religioso por Formação Humana, Ética e Cidadania. Já é um avanço, desde que nestas aulas as discussões e temáticas sejam realmente de temas vivenciais e estimulem o pensar.

O que se vê é que o “conteudismo” neurótico de todas as disciplinas voltou com força total, com a insana e desrespeitosa desculpa de “fazer passar no ENEM”, obrigando cada vez mais cedo os alunos a rotinas excruciantes de assuntos desnecessários em 99% da vida de todos. Podem até dizer: “Ah, mas outros países ensinam por mais horas por dia”. Sim, mas com aulas dinâmicas, onde tecnologia e raciocínio vivencial caminham juntos, dinamizando aulas com saberes usuais.

Trata-se AINDA, em plena Era da Informação, de um ensino morto, enciclopédico, que qualquer computador resolveria o problema de “passar conteúdo”, matando a verdadeira função da escola, que é ensinar a pensar, a raciocinar e compreender a vida, o mundo, os dilemas, a ter opinião crítica e uma visão transformadora do mundo e de seu meio. No modelo atual de escola, que ainda persiste e até parece voltar com professores, pois com as tecnologias atuais e as mídias de acesso à informação resolve-se bem melhor esta necessidade criada de apenas repassar dados, sem transformá-lo em conhecimento. A verdadeira função da escola, que é ensinar a ser, a transformar, a

entender e modificar, está morta e esquecida. Talvez porque não se deram conta que INFORMAÇÃO NÃO É NADA: CONHECIMENTO E ATUALIZAÇÃO SÃO A BASE PARA TUDO!

A Ética poderia ser, a meu ver, uma disciplina diluída em todas as outras, não necessariamente uma cadeira isolada. Mas com um professor da área (Filosofia, Sociologia) trabalhando com todas as outras disciplinas, coordenando projetos integradores na escola toda, levando às discussões sobre as famílias, a sexualidade, a economia, a moda, a política, as leis, os planos de futuro, o consumo, o dinheiro, a estética. Aulas que passariam a analisar valores morais, mas não a ensiná-los, pois como eu já disse neste espaço, algumas vezes: ensinar moral é um veneno, pois a moral muda e é um olhar individual sobre um valor ou princípio; já a ÉTICA é universal, permanente, não impõe, apenas trabalha a compreensão de princípios que são necessários para o bem comum, à coletividade.

Pensar na coletividade, no bem comum, eu creio que seja a maior de todas as faltas que nossa sociedade comete. Ainda estamos no pensamento medieval de salvar apenas a nós mesmos dos males, sem nos importar com os semelhantes nem com o ambiente. Isso, num mundo dinâmico, é tão venenoso quanto ter opiniões rasas ou nenhuma opinião sobre nada. Aliás, no modelo atual de escola, apenas reforçamos o vazio das cabeças reproduzindo nas famílias. Pais que mal dialogam com crianças, que dão ideias prontas, que se sentem culpados e são dominados pelos pequenos devido às suas culpas internas, deixando o papel de educadores para uma escola que, por sua vez, se preocupa com o conteúdo, uma instituição inerte frente a alunos desinteressados, mal educados, travados, sem opinião própria, alienados, sem autocritica, criados por bananas com olhos no ter, no status e inseguros até a raiz dos dentes clareados a laser.

O ensino da ÉTICA ajudaria muito a formar cabeças pensantes, a trabalhar a Filosofia dentro de todas as áreas, a formar pessoas com conhecimento, senso crítico, capazes de intervir no seu meio, de propor soluções numa sociedade zozna e perdida. Aliás, sociedade esta que elege justamente as pessoas que, a cada dia mais provado, simplesmente desconhecem o real valor da palavra ÉTICA.

*** Gilmar de Oliveira, psicólogo clínico e professor universitário; especialista em Neuropsicologia e Aprendizagem; Mestre em Educação e Cultura. E-mail: psicogilmar@gmail.com**

@psicogilmar

facebook.com/psicogilmar



Histórias da Educação

Coordenação Norberto Dallabrida*

LEITURAS DA CAIXA-PRETA DO COLÉGIO FARROUPILHA

Gladys Mary Ghizoni Teive*
Norberto Dallabrida*



No final do ano passado veio à lume o volume 2 da obra “Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: memórias e histórias (1858-2008)”, organizada pelas professoras Maria Helena Camara Bastos, Alice Rigoni Jacques e Dóris Bittencourt Almeida e com o selo da EDIPUCRS. Trata-se de uma segunda coletânea sobre a história do Colégio Farroupilha – escola privada localizada na cidade de Porto Alegre –, fruto de um projeto de pesquisa que congregou várias instituições educativas de nível superior e médio.

O atual Colégio Farroupilha foi fundado, em 1886, pela Associação Beneficente Alemã com o nome de Knabenschule des Deutschen Hilfsverein (Escola de Meninos da Associação Beneficente Alemã). Em 1904, essa associação germânica de corte luterano criou a escola para meninas (Mädchenschule) e, sete anos depois, foi criado o jardim da infância (kindergarten), para ambos os sexos – considerado o primeiro de Porto Alegre – fato que provocou a prática da coeducação também no ensino primário. Em 1936, foi criado o Ginásio Teuto-Brasileiro Farroupilha, que, com os áreas nacionalizadores da ditadura estadonovista perdeu o miolo do nome e deixou de ensinar a língua alemã. Treze anos depois, com a instituição do colegial passou a se chamar Colégio Farroupilha, nome que conserva até hoje.

É sobre essa longa e descontínua história

que os dois volumes da obra “Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: memórias e histórias (1858-2008)” colocam o foco de forma temática a partir de um acervo comum: o Memorial do Colégio Farroupilha. Ou seja, a grande maioria dos textos que compõem essa coletânea exploram aspectos específicos das culturas escolares centenárias da escola tal como escritas e desenhos infantis, cadernos escolares de diferentes disciplinas, práticas de clubes, biblioteca, trajetórias docentes, imprensa escrita (jornais), festas e diários. Desta forma, a partir de diferentes aportes teórico-metodológicos e de fontes singulares, os livros em tela oferecem leituras da caixa-preta do atual Colégio Farroupilha, explorando os diferentes níveis de ensino.

Os dois volumes da obra “Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: memórias e histórias (1858-2008)” lançam luz sobre o estabelecimento de uma escola étnica e a sua transformação em um colégio nacional, processo similar em outros educandários brasileiros, particularmente os localizados no sul do Brasil. E também revela as culturas escolares específicas dos diferentes níveis de ensino conectadas com processos sociais e educativos mais amplos em níveis regional, nacional e mundial.

* Professores da UDESC e autores de “A Escola da República: os grupos escolares e a modernização do ensino primário em Santa Catarina (1911-1919) (Editora Mercado de Letras, 2011)

Norberto Dallabrida é professor da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Autor, co-autor ou organizador de diversos livros. Entre eles, “A Escola da República (1911-1918)” (Editora Mercado de Letras, 2011) e “O futebol em Santa Catarina: histórias de clubes”, organizado com Alexandre Fernandez Vaz (UFSC) e Norberto Dallabrida (UDESC), com o selo da Editora Insular.

Escola deve ser divertida

As diretoras apresentaram um pouco da rotina da escola inglesa. A aula tem início às 8h45, mas as crianças podem chegar às 7h30 para participar do clube do café da manhã. Esta é uma maneira de incentivar as crianças a fazerem refeições mais saudáveis e um momento de compartilhar com os colegas de toda a escola. As aulas terminam às 15h15.

O dia típico na escola começa com uma conversa em grupo, uma espécie de reflexão matinal coletiva, com cantos e contação de histórias que levem a pensar sobre os valores da escola.

Em seguida, durante uma hora, há aula de matemática. Após o recreio, são 90 minutos de inglês (língua Pátria). Após o almoço, 30 minutos de leitura. Em seguida, são ministradas as aulas de prática esportiva, história, ciências, música, etc

Professores e diretores ministram voluntariamente diversas oficinas (clubes) após as aulas. As atividades se encerram às 16h30. A inscrição é livre. Coral, futebol, informática, dança, basquete, ginástica, música e games são alguns dos clubes oferecidos diariamente. Esta é mais uma estratégia para tornar a escola um ambiente mais divertido e alegre, aumentando o envolvimento do aluno e da família com a aprendizagem.

Os estudantes almoçam na escola. Até os seis anos de idade, a alimentação é fornecida pelo governo. O almoço dos maiores é responsabilidade da família. As crianças podem levar o almoço pronto ou cozinhar ou esquentar a comida na própria escola. Algumas mães levam a refeição para os filhos, pois moram próximo da escola, outras cozinham a refeição na própria escola.

“Promovemos diversas atividades para

tornar a escola um ambiente mais divertido e agradável”. São realizados diversos festivais, dias especiais festivos e projetos pedagógicos. No dia mundial do livro, por exemplo, todos os alunos e professores usam fantasias de personagens, trazem comida típica e revivem a cultura do país em que a história se passa, ou foi escrita. São organizados dias de países específicos ou de esportes.

No natal, de 2015, as carteiras, quadro, cadeiras, livros, enfim a escola foi embrulhada para presente. “Quando os alunos chegaram se surpreenderam, ficaram felizes e tiveram que abrir ‘seus presentes’ para então iniciar a aula. Dá muito trabalho, mas é muito divertido e todos passaram um dia muito mais felizes na escola e se surpreenderam a cada momento”, contaram entusiasmadas as professoras.

Além das atividades integradas ao programa pedagógico, são realizadas atividades de lazer e culturais em viagens coletivas. A primeira, de um total de seis ao ano, é realizada no início do ano letivo, em setembro, para integrar os novos. As viagens em conjunto com os colegas, professores e diretoras são sempre no final de semana ou em feriados.

Os pais são chamados a responsabilizarem-se pelo aprendizado dos filhos. Diariamente, devem chegar à escola antes do início das aulas, em horário determinado para o contato com a família. Este é o momento de conversar com os professores e demais pais.

Além do site especial para os pais, três vezes ao ano, há reunião de pais na escola e são realizados workshop de matemática e leitura para que possam auxiliar seus filhos nas tarefas de casa e melhorar o próprio desempenho. Um relatório sobre o desempenho da criança é encaminhado para casa uma vez ao ano.



Escola foi “embrulhada para presente”

Professoras trabalham com parceira

O planejamento pedagógico é feito em conjunto pelos professores que se reúnem uma tarde por semana em horário extra-classe e sem alunos, com esta finalidade. Nestes encontros, fazem planejamento, conversam sobre os alunos e marcam as lições do livro a serem trabalhadas no período.

Cada professora tem uma professora parceira na escola. As parceiras trabalham juntas todo o tempo. Assistem a aula uma da outra e dão sugestões e ideias, trocando experiências todo o tempo. “Esta é uma maneira de aprender todos os dias com o trabalho uma da outra”, enfatizou Gemma, que está estudando para se tornar Head Teacher e aplica seu projeto na própria escola e em outra escola.

Ao mesmo tempo, além das reuniões semanais dos professores para planejamento conjunto e da ajuda do professor parceiro, cada professor tem um encontro semanal com a equipe de líderes.

“É muito trabalho para o professor e é muito difícil conseguir contratar bons professores”, ressaltou Emma. Segundo ela, a carreira de professor não é atraente para os jovens, pois o curso é muito caro e a profissão é muito árdua. Mesmo entre os formados e qualificados, poucos reúnem as características de um bom professor ou professora. Então, os bons professores são muito raros”, garantem.

O sistema de ensino inglês é composto de quatro níveis de escolaridade. A escola primária que se inicia aos 4 anos e vai até os 11 anos. O secundário que abrange os estudantes de 12 a 16 anos, no qual o adolescente é avaliado e orientado a seguir o estudo acadêmico na universidade e ou o colégio, que oferece formação profissional para os jovens de 16 a 18 anos. Até esta fase os estudos podem ser feitos em escolas públicas e gratuitas. As universidades são pagas, e caras, cerca de 6 mil libras ao ano.

Após a formatura na universidade, o professor deve fazer um teste e uma espécie de estágio de qualificação de um ano. Somente após este período e o teste, recebe o título de professor qualificado. As escolas públicas (93% das escolas inglesas) podem contratar somente professores qualificados para atuar em sala de aula.

Mesmo entre os formados, são poucos os profissionais que se dedicam à carreira de professor que tem muitas responsabilidades e trabalho árduo e, por isso, não atrai os jovens. “Conseguir contratar bons professores é determinante para ter ensino de qualidade. Por isso fazemos campanhas, oferecemos qualificação aos formados e estamos todo o tempo atentos e a procura de candidatos”, contou a diretora Emma.

Modelo inglês de formação de diretores

O modelo inglês de formação de lideranças escolares é considerado um dos dez melhores do mundo. O atual modelo foi construída a partir de 1988, com a lei da reforma de ensino do país, que garantiu mais autonomia às escolas e fortaleceu o investimento em liderança de gestão, considerada uma revolução no ensino daquele país. Um estudo, realizado por meio de uma parceria entre o British Council e a Fundação Itaú Social foi registrado em um livro que está à disposição para download gratuito.

Em entrevista ao Jornal da Educação e na palestra durante o Ciclo de Debates em Gestão Educacional, realizado em junho de 2015, em São Paulo, uma promoção do British Council e Fundação Itaú Social, o consultor educacional, Adrian Ingham, autor do livro em parceria com a pesquisadora Maria Carolina N. Dias, formado em psicologia e que atuou como professor de escola primária e Head Teacher, apresentou a pesquisa e falou sobre o sistema inglês que se tornou referência na formação de líderes escolares.

Durante o ciclo de debates, os autores apresentaram o livro O Sistema de Formação de Lideranças Escolares da Inglaterra – Possíveis Alternativas para o Brasil, que está disponível para download gratuito no site do British Council: www.britishcouncil.org.br.

A pesquisa de campo realizada pelos dois autores, tem foco na formação de diretores escolares na Inglaterra, e pretende subsidiar e inspirar estratégias que fortaleçam e qualifiquem ainda mais o papel da liderança escolar, no Brasil.

O objetivo do estudo era mapear o modelo de liderança das escolas inglesas, incluindo as melhores práticas, sucessos e fracassos, para que sirvam como referência ao debate sobre liderança escolar e desenvolvimento

da educação no Brasil.

Ao apresentar o estudo, o também consultor Andy Reid, que foi Gerente Sênior, do Ofsted disse que “a liderança escolar ocupa a segunda posição em influência sobre a aprendizagem dos alunos, ficando apenas atrás do ensino em sala de aula”.

Reid defendeu a autonomia e responsabilização das escolas porque podem ajudar a solucionar alguns dos problemas fundamentais da educação. “Se as escolas recebem alguma autonomia no uso de seus recursos, elas podem ser responsabilizadas por utilizá-los de maneira eficiente”, registrou.

Metas e redes de apoio

No início da década de 1990, foi criado um currículo nacional e definidos testes e exames para todo o país. Juntamente com a autonomia, as escolas foram recebendo mais autonomia e estabeleceu-se a cultura de metas, nas escolas públicas.

Em 1993, foi criado o *Office for Standards in Education*. As escolas públicas passaram a receber rigorosas inspeções a cada três anos, no mínimo. Simultaneamente, os professores passaram a ser qualificados para a profissão.

O líder escolar era o eixo do projeto e, para isso passou a ser valorizado, tanto financeiramente, quanto em ofertas de condições de trabalho. O objetivo era garantir a autonomia da gestão. Ação que somente foi possível com a transferência gradativa desta autonomia da autoridade local (equivalente às prefeituras) para a escola.

Juntamente com a autonomia, cresceu a responsabilidade do diretor e a pressão por resultados. A criação da Escola Nacional de

Liderança Escolar, em 2000, é considerado mais um dos marcos na transformação do sistema educacional inglês. Desde então, o cargo de direção só pode ser ocupado por quem fizer o curso de dois anos e aplicar, com sucesso, projeto em escola pública.

“Atualmente, não há mais espaço para falhas nas escolas públicas da Inglaterra, diz o consultor. Com um rígido sistema de metas e inspeções contínuas da agência Ofsted, responsável por entrevistar professores, funcionários, diretores, alunos e seus pais, as escolas são classificadas em quatro categorias, de inadequada à excelente - Outstanding”, explicou.

A cultura de metas, gera competitividade, mas também ajudou a criar um fenômeno importante: a criação de redes de escolas. Há ajuda mútua. Durante o processo concluiu-se que o melhor lugar para treinamento é a própria escola. Assim, as melhores escolas são classificadas como ‘Escola de Treinamento’ pela Ofsted e ajudam as piores classificadas. Há competição, mas também colaboração.

As escolas com nível de excelência, quando auxiliarem outras, com a intermediação da autoridade local de educação ou de uma Escola de treinamento, recebem pagamento do Departamento de Educação por estes serviços. Já as escolas com avaliação boa, que auxiliam as com desempenho ainda mais fraco, recebem pagamento da escola que está sendo apoiada.

Desde a implantação da escola de lideranças e do Ofsted o sistema vem passando por modificações. Durante as inspeções os líderes escolares desempenham um papel mais ativo nas inspeções e os inspetores fazem recomendações sobre o que escola deve fazer para melhorar a qualidade da educação que oferece.



O papel do diretor da escola tornou-se o de líder profissional e executivo-chefe. Trabalhando com metas, a liderança é mais distribuída entre os membros da própria escola. Com a autonomia da escola, o papel de diretor tornou-se mais atraente.

Criadas em 1998, as normas de excelência para diretores de escola foram revisadas em 2000, 2004 e 2015. Há critérios em quatro domínios: qualidades e conhecimentos; alunos e funcionários; sistemas e processos e sistema escolar de automelhoria.

Entre as atribuições do diretor de escola está detectar entre os professores e demais funcionários os que tem as características e querem ser diretores, incentivando sua formação. Este é o caso da professora Gemma Smith (Deputy), que está na fase final de sua formação para ser Head teacher. Parte de sua formação é realizada na própria escola.

Eletrobras Eletrosul: Energia sustentável que gera inovação em mais de 400 municípios do Brasil.

Nossos esforços são constantes. Trabalhamos com sustentabilidade e assim contribuimos para preservar o futuro. Juntos geramos força, inovação e oportunidades. Somos todos energia.

ELETROSUL

Energia para novos tempos.

12.967 km
de linhas de transmissão pelo Brasil

1 Usina Solar

7 Usinas Hidrelétricas

2 Complexos Eólicos

91 Subestações

#SOMOSTODOSBRASIL

Eletrobras
Eletrosul

Ministério de
Minas e Energia

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

Diretor escolar influencia na aprendizagem dos alunos

Estudo apresentado no Círculo de Debates em Gestão Educacional, em São Paulo, mostrou que o diretor da escola é o segundo ente na influência sobre a aprendizagem.

No mesmo evento, foi apresentado o modelo da formação de lideranças escolares na Inglaterra (Head Teacher), considerado modelo mundial e as possibilidades de aplicação no Brasil.

O sistema reduz a interferência das autoridades locais e dá autonomia às escolas para gerir não somente o processo pedagógico, mas também as verbas públicas que recebe, mesmo que o prédio seja privado.



Na EM Adolpho Bartsch as diretoras puderam observar a rotina de uma escola primária.

Leia reportagem sobre a visita de diretoras inglesa a escolas de Joinville. (Págs. 4 a 7)



DOGMAS OU HERESIAS?

Fernando Bastos



O que é certo?

Antes Immanuel Kant (1724 - 1804), o Ocidente vivia a ética grega e judaico-cristã; agora, andamos sob os valores éticos e morais ensinados pela Igreja cristã e por Kant.

Seu princípio categórico, em Fundamentação da Metafísica dos Costumes (1785) é: “Age apenas segundo aquela máxima que possas ao mesmo tempo desejar que se torne lei universal.” Mas, se o desejo de um homem é tornar lei universal a prostituição de crianças, ou bater nos filhos com vara, ou ouvir heavy metal no último volume no apartamento do prédio, o que Kant diria? Na mesma obra, ele traz um complemento para a regra anterior:

“Age de tal forma que trates a humanidade, na tua pessoa ou na pessoa de outrem, sempre como um fim e nunca apenas como um meio.” Isso significa que não podemos usar o outro para obter vantagens ou realizar nossos desejos, mesmo que os consideremos os mais nobres, como por exemplo, pedir a um amigo que lhe empreste dinheiro para pagar a cirurgia

errado” (o exemplo é meu), tem que ter uma razão para ser contra. Ele pode dizer que Deus disse. Mas, ele pode provar? Ele vai dizer que está na Bíblia e é uma ordem dada por Deus: “Qualquer homem ou mulher que evocar os espíritos ou fizer adivinhações, será morto. Serão apedrejados, e levarão sua culpa”. De fato, está na Bíblia e ela afirma que foi Deus quem deu a lei. Podemos ver até um leve sorriso de vitória nesse nosso amigo. Se a Bíblia for de fato a Palavra de Deus, temos que forçosamente acreditar que seguidores de religiões que invocam espíritos devem ser alertados que estão em pecado, de modo que aquele homem que apedrejou uma menina de onze anos no Rio de Janeiro quando ela saía de um culto apenas cumpria uma ordem divina e não pode ser acusado de ter cometido nenhum delito.

Mas, talvez nem tudo que está nas Escrituras foi recomendado por Deus; pode ser que os teólogos piedosos estejam certos ao dizer que muitas leis faziam parte da cultura do povo e não foram inspiradas do céu, inclusive esta que autoriza a morte de quem fala com espíritos ou faz adivinhações.

Se me permitem, irei um pouco mais longe: talvez os historiadores e estudiosos mais competentes do planeta estejam certos ao nos explicarem que os antigos governantes e sacerdotes, mesmo antes da Bíblia, sempre que queriam impor uma lei, diziam que o autor era um deus. Por que esses legisladores anunciavam que a autoria de suas leis tinha a assinatura de um deus? Dava mais credibilidade. Os autores da Bíblia teriam usado a mesma técnica.



que irá salvar a vida do filho da vizinha, jurando que vai devolver o dinheiro em breve, mesmo sabendo que não terá condições de fazê-lo, pois ganha pouco ou está desempregado.

Segundo Kant, é dever de cada um agir de forma a promover o bem-estar de todas as pessoas, respeitá-las em seus direitos, não causar-lhes nenhum tipo de dano físico ou psicológico, jamais mentir e, “empenhar-nos, tanto quanto possível, em promover a realização dos fins dos outros”.

O filósofo e escritor James Rachel nos trouxe mais subsídios para sabermos distinguir o bem do mal. No livro “Elementos de Filosofia Moral” ele diz que “Os juízos morais requerem o apoio de razões, sendo, na ausência dessas razões, meramente arbitrários.”

Se fulano diz: “seguir o candomblé é

De acordo com Rachel, temos que ter boas razões para julgar algo certo ou errado; do contrário, estaremos sendo arbitrários e injustos. Assim, da próxima vez que alguém dizer que são errados o divórcio, o sexo para solteiros, a homossexualidade, a masturbação, o uso de camisinha e comprimidos anticoncepcionais, a eutanásia; que é indecente para uma mulher usar saia acima do joelho ou amamentar o filho em público; e que ateus são imorais e desonestos, justificando estas declarações com base na Bíblia, você pode concordar com ele ou alertá-lo para o perigo de fundamentar seus juízos morais num livro que hoje a maioria dos estudiosos e filósofos sabe que foi escrito por sacerdotes, sem nenhuma ajuda sobrenatural, segundo seus interesses e mentalidade da época.

Fernando Bastos é escritor, ilustrador e artista plástico. Publicou dois livros: “Teofania” e “Crimes em nome de Deus”. E-mail: fernandoilustrador@gmail.com e Facebook: https://www.facebook.com/fernandocesar.bastos

Brasileiro precisa aprender a ler

Leia mais na Pág. 2



PROFESSOR: Você desenvolveu um trabalho DIFERENCIADO resultou em mais aprendizagem?

Mande sua sugestão para:

jornalismo@jornaldaeducacao.inf.br

www.jornaldaeducacao.inf.br



MICROPIGMENTAÇÃO

Dias: 09,10 e 16,17 Abril
Horário: 08:30 - 12:00 / 13:00 - 19:00
Duração: Total: 28 horas

Módulo 1 – Colorimetria aplicada na micropigmentação
Módulo 2 - Dermopigmentação
Módulo 3 - Design de Sobrancelhas
Módulo 4 - Biossegurança
Módulo 5 – Entrevista e Anamnese
Módulo 6 – Prática



**Máximo 06 alunos
Garanta a sua inscrição!**

Ministrante: Mari Nunes Cosmetóloga, Maquiadora e Micropigmentadora Profissional, técnica em Estética, especialista em Visagismo / Esthetics Life - SP

IREI - Escola Técnica de Formação Profissional
R. Araranguá 242, América - Joinville / SC (47) 3422-8906 (47) 8838-3501
comercial@irei.com.br - www.irei.com.br - [facebook/ireicursosdostecnicos](https://www.facebook.com/ireicursosdostecnicos)

